



## REPORTAGEM ESPECIAL

# Plantio de pinus gera economia de múltiplos usos

*A goma-resina extraída de áreas plantadas de pinus do Litoral Médio gaúcho está presente nos mais variados produtos usados no dia a dia: perfumes, tintas, chicletes, produtos de limpeza e até combustíveis. No Rio Grande do Sul, pequenos agricultores são parte essencial dessa cadeia produtiva. O Estado é o segundo maior produtor do País, com 51,2 mil toneladas anuais, ficando atrás apenas de São Paulo. A extração gera empregos e movimenta mais de R\$ 250 milhões, com grande parte da produção destinada à exportação. Empresas como Resinas Jardim e Âmbar Florestal atuam no setor, combinando florestas próprias e parcerias com agricultores. Apesar do crescimento, desafios como falta de incentivos e alta carga tributária dificultam a industrialização. A resina de pinus desponta como alternativa sustentável, substituindo derivados do petróleo e impulsionando o desenvolvimento econômico regional.*

LEIA NAS PÁGINAS 6 A 9

## Transformação digital e o futuro das telecomunicações B2B

**Luiz Felipe Teixeira**

Diretor Comercial de B2B (SP)

O setor de telecomunicações B2B no Brasil atravessa uma transformação significativa, impulsionada por avanços tecnológicos, mudanças regulatórias e uma demanda crescente por conectividade robusta e soluções inovadoras. Como executivo que tem acompanhado de perto essa evolução, vejo um cenário repleto de desafios e oportunidades que moldarão o futuro do nosso mercado.

A chegada do 5G no Brasil representa um marco crucial para o setor de telecomunicações. Com a promessa de velocidades ultra-rápidas e latências menores e aumento de capilaridade, o 5G não apenas transforma a maneira como nos conectamos, mas também possibilita o crescimento de dispositivos de Internet das Coisas (IoT). Para empresas B2B, isso significa a oportunidade de desenvolver soluções mais inteligentes e eficientes, como a aceleração de Redes Privativas, onde ao invés de investimento nos tradicionais HotSpots com roteadores wireless, se crie uma rede de telecom móvel, com uso predominante de dados (Comunicação M2M - Machine to Machine). Isso pode ser aplicado nos mais diversos setores, desde a manufatura, saúde, serviços e o agronegócio. Estima-se que o mercado global de IoT atinja US\$ 1,1 trilhão até 2025, com a América Latina contribuindo signifi-

cativamente para esse crescimento, segundo dados da consultoria IDC.

### Impactos do 5G e IoT em Setores-Chave

**Setor de Saúde:** A telemedicina e os dispositivos médicos conectados podem melhorar significativamente os cuidados com a saúde, permitindo monitoramento remoto e intervenções mais rápidas. Segundo a GSMA, a implementação do 5G na saúde pode reduzir custos operacionais em até 30%.

**Agronegócio:** O uso de IoT em máquinas agrícolas e sensores no campo pode otimizar a produção, reduzir desperdícios e aumentar a eficiência. O agronegócio brasileiro já está se beneficiando dessas tecnologias, com estudos mostrando um aumento de produtividade de até 20% em fazendas que adotaram IoT.

A transformação digital, acelerada pela pandemia, leva empresas de todos os tamanhos a repensar suas operações e a adotar tecnologias digitais para melhorar a eficiência e a competitividade. A demanda por conectividade está em alta, e as empresas de telecomunicações B2B tem a responsabilidade de fornecer infraestrutura de rede que suporte essa transformação. Isso inclui não apenas a expansão das redes de fibra óptica, mas também a implementação de soluções de nuvem e cibersegurança para garantir que os dados estejam protegidos e acessíveis. Segundo a IDC, os investimentos em trans-

formação digital no Brasil devem alcançar US\$ 65 bilhões em 2024, evidenciando a importância da conectividade robusta.

### Importância da Cibersegurança

Com o aumento da digitalização, a segurança cibernética se torna essencial. Empresas B2B precisam investir em soluções avançadas de cibersegurança para proteger dados sensíveis e manter a confiança dos clientes. A Frost & Sullivan estima que o mercado de cibersegurança no Brasil cresça 15% ao ano até 2025, refletindo a crescente demanda por proteção contra ameaças digitais.

O Brasil enfrenta desafios significativos em termos de regulação e infraestrutura. A burocracia e os processos de licenciamento podem atrasar a implementação de novas tecnologias. Além disso, a infraestrutura existente, especialmente em áreas rurais e remotas, muitas vezes não é adequada para suportar a demanda crescente. As empresas de telecomunicações precisam trabalhar em estreita colaboração com o governo e as agências reguladoras para superar esses obstáculos e garantir que as novas tecnologias possam ser implementadas de maneira rápida e eficaz. Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), ainda existem mais de 40 milhões de brasileiros sem acesso à internet de qualidade, principalmente em áreas rurais, o que destaca a neces-

sidade de expansão da infraestrutura de telecomunicações no país.

Apesar dos desafios, as oportunidades são vastas. A integração de tecnologias emergentes como inteligência artificial (IA) e big data pode revolucionar o setor, oferecendo soluções mais personalizadas e eficientes para os clientes B2B. A expansão das redes de fibra óptica e a construção de infraestruturas robustas em áreas subatendidas também representam oportunidades significativas para crescimento. Além disso, as aquisições estratégicas, como as que nossa empresa tem realizado, são cruciais para consolidar a presença no mercado e expandir as capacidades operacionais. A integração de novas tecnologias e a expansão da infraestrutura são passos fundamentais para atender às demandas crescentes e manter a competitividade no setor. Estima-se que a capacidade de dados no Brasil aumente em 30% nos próximos cinco anos, impulsionada por investimentos em infraestrutura de rede, conforme relatório da Frost & Sullivan.

### Parcerias estratégicas

A colaboração entre empresas de telecomunicações e instituições acadêmicas pode acelerar o desenvolvimento de novas tecnologias e soluções. Parcerias com universidades para pesquisa e desenvolvimento em 5G e IoT podem resultar em inovações que beneficiem diversos setores.



**A transformação digital, acelerada pela pandemia, leva empresas de todos os tamanhos a repensar suas operações e a adotar tecnologias digitais**

O futuro das telecomunicações B2B no Brasil é promissor, mas repleto de desafios que exigem inovação, colaboração e uma visão estratégica clara. As empresas que conseguirem navegar por esse cenário complexo, aproveitando as oportunidades e superando os desafios, estarão bem posicionadas para liderar o mercado nos próximos anos. Acreditamos que, com a combinação certa de tecnologia, infraestrutura e parcerias, podemos construir um futuro mais conectado e eficiente para todas as empresas brasileiras.

## Economia do cuidado: o trabalho invisível que sustenta a sociedade

**Gabrieli Silva**

Estudante de Jornalismo

A economia do cuidado engloba atividades essenciais para a sociedade, como o cuidado de crianças, idosos e enfermos, tanto no âmbito remunerado quanto no não remunerado. Apesar de sua importância, essas tarefas são historicamente atribuídas às mulheres e subvalorizadas, perpetuando desigualdades de gênero.

No Brasil, a PNAD Contínua revela que as mulheres dedicam, em média, 21,4 horas semanais aos afazeres domésticos e ao cuidado de pessoas, enquanto os homens dedicam 11 horas. Essa diferença

afeta diretamente a inserção feminina no mercado de trabalho, dificultando sua progressão na carreira e ampliando as disparidades salariais.

A maternidade agrava ainda mais essa desigualdade. Muitas mães reduzem suas jornadas, interrompem a carreira ou até deixam o mercado de trabalho, enfrentando perdas financeiras e de oportunidades. Mesmo quando há creches e escolas, os horários desses serviços raramente acompanham as jornadas de trabalho, forçando as mães a buscar alternativas, como contratar cuidadores ou abandonar o emprego.

A pesquisa Sem Tempo: O Tra-

**Pesquisa do Instituto Think Olga aponta que 50% das mães consideram suas rotinas profissionais incompatíveis com a maternidade**

balho e a Vida das Mulheres, do Instituto Think Olga, aponta que 50% das mães consideram suas rotinas profissionais incompatíveis com a maternidade. A sobrecarga gera impactos diretos na saúde

mental, aumentando os níveis de estresse, ansiedade e esgotamento.

No passado, o cuidado infantil era mais compartilhado dentro da família, com avós e outros parentes desempenhando um papel ativo. No entanto, a urbanização e as mudanças na estrutura familiar reduziram essa rede de apoio. Hoje, muitas mulheres criam seus filhos sozinhas ou dependem de serviços pagos, que nem sempre são acessíveis. Além disso, com o aumento da longevidade e novas dinâmicas sociais, muitos avós ainda trabalham ou enfrentam limitações para assumir essa função.

A desvalorização do trabalho de cuidado impacta não apenas as

mulheres, mas a economia como um todo. Estudos indicam que, se essas atividades fossem remuneradas, representariam uma parcela significativa do PIB. No entanto, como não são contabilizadas, permanecem invisíveis nas estatísticas econômicas e nas políticas públicas.

Para transformar essa realidade, é essencial promover campanhas de conscientização e implementar políticas que incentivem a divisão equitativa das tarefas domésticas. Somente com mudanças culturais e estruturais será possível construir uma sociedade mais justa, onde o trabalho de cuidado seja devidamente reconhecido e compartilhado.

# Bebida mineira conquista espaço entre os gaúchos

Amanda Flora  
amandaf@jcrs.com.br

Xeque-mate até pode significar que o jogo acabou quando o assunto é xadrez. Mas, no Carnaval o termo ganhou outro significado. E os responsáveis por essa mudança são os sócios da Xeque Mate, uma marca de bebida pronta para consumo, que nasceu em Belo Horizonte e completa 10 anos em 2025.

Chá-mate, rum, guaraná, limão e gelo para finalizar. Essa é a alquimia mineira que encantou o Carnaval de 2025 no Brasil inteiro. No Rio Grande do Sul não foi diferente: a bebida caiu no gosto dos gaúchos e se tornou febre, sendo uma das mais vendidas nos bares da Capital. O Empresas & Negócios conversou com Alex Freire, diretor-executivo e fundador da marca Xeque Mate - que, segundo ele mesmo, "começou de forma espontânea por dois universitários", ele e seu sócio, Gabriel Rochael. Em pleno crescimento e expansão pelo Brasil, a marca chama a atenção do setor de bebidas alcoólicas com um diferencial: é um produto 100% nacional.

**Empresas & Negócios - Como a Xeque Mate Bebidas começou?**

**Alex Freire** - A Xeque Mate começou de maneira espontânea, porque eu e meu sócio Gabriel produzíamos eventos quando mais novos. Fazíamos a gestão de diversos eventos na época da faculdade. Numa oportunidade, um dos nossos clientes pediu para desenvolvermos um drink com chá-mate. Meu sócio fez a mistura, o primeiro esboço do que viria a ser o produto, e começamos a oferecer em todos os eventos em que estávamos envolvidos. Com o tempo, fomos reparando que a bebida estava gerando um apelo muito alto. Em muitos eventos, a bebida vendia mais do que cerveja, catuaba ou vodca com energético. Gradualmente, a Xeque Mate foi dominando essa parte de drinks. E

veio essa oportunidade de negócio. Alugamos uma casa e construímos a primeira fábrica, bem artesanal. Começamos a vender naqueles galões de gasolina, aqueles de 5 litros, era uma coisa bem artesanal. Hoje em dia, faturamos 6 milhões de latas por mês, e a empresa foi se estruturando. Temos um corpo de aproximadamente 200 funcionários e estamos em quase 10 mil pontos de venda.

**E&N - Quando vocês começaram?**

**Freire** - Começamos em 2015. A empresa está fazendo 10 anos em 2025.

**E&N - E o que é esse produto? Qual é o processo de produção, matéria-prima e distribuição?**

**Freire** - A nossa fábrica é uma mistura de fábrica de cerveja com fábrica de refrigerante, porque temos que fazer a extração do mate. Os ingredientes da bebida são mate, rum, guaraná e limão. Esses são os produtos desde quando começamos. Lógico que hoje a fórmula já é bem mais complexa, os ingredientes são melhores, tudo de origem natural, o produto tem muita qualidade. E tudo é produzido na nossa fábrica em Minas Gerais. Produzimos tudo e é bem parecido com o processo de cervejas.

**E&N - De onde vem os ingredientes utilizados na fabricação da bebida??**

**Freire** - O mate compramos do Paraná e fazemos o extrato padronizado na nossa fábrica. O guaraná compramos da Amazônia, fazemos o xarope parecido com um licor

**O maior desafio é a concorrência com grandes marcas e multinacionais. Mas o brasileiro gosta muito de beber. Então, acho que terá espaço para todos**



O que começou com uma experiência espontânea entre Rochael e Freire terminou em negócio lucrativo

de guaraná, para poder misturar. O rum produzimos também e, inclusive, temos uma marca de rum que se chama mascate e estamos estudando para lançar o destilado.

**E&N - Então vocês já estão com a ideia de lançar uma marca de rum?**

**Freire** - Na verdade, temos uma rede de bares em Belo Horizonte que se chama Mascate e já carrega o nome do rum. Nosso plano é lançar o rum na sequência, que é o mesmo usado para fazer a Xeque Mate.

**E&N - Como é trabalhar nesse mercado?**

**Freire** - Quando começamos, acabamos meio que criando uma nova categoria de bebidas no Brasil, a categoria dos drinks prontos. Já tinha alguma coisa nos Estados Unidos, mas no Brasil era bem tímido. Quando começamos, não tinha nem espaço na gôndola do supermercado para colocar o produto, hoje já temos espaço separado. Eles chamam de RTDs, sendo a sigla em inglês para Ready To Drink (significa "pronto para beber").

**E&N - E como foi contribuir com o início de uma nova categoria de bebidas?**

**Freire** - Em 2015, quando começamos, só existia a Smirnoff Ice, que nem era de fato uma categoria. Hoje somos líderes praticamente em quase todas as vezes que sai algum dado de vendas. A Xeque Mate vende mais do que Smirnoff Ice e Skol Beats. A nossa principal concorrente é a Skol Beats, inclusive, que é da Ambev. A Ambev até distribui nosso produto. Eles têm uma plataforma de distribuição

que utilizamos. Eles são bem parceiros, na verdade.

**E&N - Que desafios vocês enfrentam nesse processo da expansão da marca?**

**Freire** - O principal desafio é o Brasil ser muito grande, mas, ao mesmo tempo, é uma coisa boa. Esse trabalho de construção de marketing é muito de formiguinha, você tem que ficar cativando os consumidores, pontos de venda, redes e distribuidoras, criando esse hábito de consumo. Então, é um trabalho que é lento, mas é um trabalho bem legal de ser feito. Ele começa, por exemplo, nos principais bares, depois nas casas noturnas da cidade e então nós já fechamos com as redes de supermercados. Conversamos com influenciadores digitais das cidades e nos preocupamos em entender a cultura local, para vermos onde que a nossa cultura casa com a cultura da cidade e, assim, poder fazer uma comunicação legal. É um trabalho de construção de marca, ao mesmo tempo que é muito trabalhoso, também é legal, porque em todos os lugares que emplacamos o público costuma ser bem fiel.

**E&N - Quais são os principais desafios do setor de bebidas alcoólicas no Brasil?**

**Freire** - O maior desafio é que tem muita concorrência, marcas grandes, companhias e multinacionais. Só que o brasileiro gosta muito de beber. Então, acho que tem espaço para todo mundo. A parte de distribuição e imposto vale para todo mundo, acaba que nesse aspecto é uma competição justa, porque os distribuidores são

poucos no Brasil. O difícil é criar a demanda por um produto, o desafio maior é cativar os consumidores com a marca.

**E&N - Quando vocês chegaram ao Rio Grande do Sul? Tiveram alguma dificuldade para se instalar no Estado?**

**Freire** - Em Porto Alegre, já nos cadastramos algumas vezes, hoje vendemos no Atacadão, no Zaffari e no Stock Center. E estamos vendendo super bem nessas redes. Na Região Sul, começamos por Florianópolis e a resposta foi ótima, tanto que Florianópolis, hoje, é uma das capitais que mais vende. E depois viemos para Porto Alegre com um trabalho pontual, que está começando a pegar corpo agora. Mas, seguimos o mesmo plano. Começamos pelas casas noturnas, bares da cidade e depois fechamos com uma rede mais relevante. No momento em que uma rede está vendendo bem, as outras tendem a copiar e vamos expandindo.

**E&N - O que chega ao consumidor? Vocês oferecem algum outro produto além da bebida?**

**Freire** - Por enquanto não. O que oferecemos aos consumidores são as opções de 355 ml e 473 ml da bebida em lata. Esse ano nós vamos ter alguns lançamentos, mas é segredo.

**E&N - É possível viver das vendas da marca atualmente?**

**Freire** - Com certeza, estamos fazendo mais de 3 milhões de latas por mês, estamos com quase 200 funcionários e com uma empresa bem estruturada. Nossa fábrica fica em Belo Horizonte.



## CIEE-RS: porta de entrada para os estudantes estrangeiros

Não é novidade que a mão de obra vinda de fora do Brasil tem sido responsável pelo preenchimento de muitas vagas em diferentes setores da economia gaúcha. Indústria, comércio e serviços recorrem cada vez mais a trabalhadores que chegam de diversos lugares para aproveitar oportunidades que, muitas vezes, os brasileiros não abraçam. Ou então, engrossam os números da massa laboral em todo o Rio Grande do Sul.

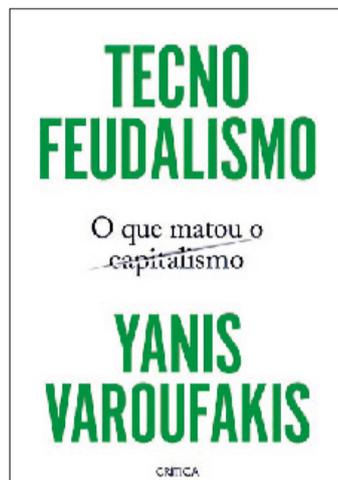
Nos últimos anos, recebemos famílias inteiras em busca de uma nova chance, geralmente com grande vontade de criar raízes por aqui, conseguindo emprego e, com o tempo, trazendo para cá parentes e amigos, além de evoluírem profissional e financeiramente.

No entanto, um dado ao qual poucos se atentam é a quantidade de estudantes estrangeiros que já fazem parte desse cenário e o potencial de crescimento que podem alcançar. Uma pesquisa recente realizada com um grupo de jovens de outros países revelou que os programas do Centro de Integração Empresa-Escola do Rio Grande do Sul (CIEE-RS) são uma importante porta de entrada para a inclusão no mercado de trabalho brasileiro.

Entre os principais aspectos positivos apontados pelos entrevistados estão a oportunidade de obter experiência profissional, a adaptação à cultura corporativa brasileira e o desenvolvimento de habilidades linguísticas, melhorando a comunicação em português e facilitando a integração nos ambientes em que estão inseridos. A ampliação da rede de contatos, segundo os alunos ouvidos, é mais uma vantagem de formalizar sua atuação por meio dos programas, permitindo que os jovens criem conexões profissionais e aumentem suas chances de crescimento na carreira.

Por outro lado, no mesmo levantamento, foram mencionados desafios a serem superados. Entre eles, destacam-se as barreiras impostas pelo idioma, dificuldades no reconhecimento de diplomas e a burocracia para formalizar contratos de estágio e aprendizagem.

Atualmente, o CIEE-RS possui em seu banco de dados 65 estagiários, 82 aprendizes e 391 estudantes estrangeiros sem contrato - o que reforça a relevância desses programas na inserção produtiva desse público.



### Economia Política

No livro Tecnofeudalismo: O que matou o capitalismo, o autor Yanis Varoufakis propõe uma nova teoria sobre o sistema econômico global. Segundo o autor, as dinâmicas tradicionais do capitalismo não governam mais a economia. Com isso, o sistema que rege o capital do mundo desde o século XV foi destituído por uma nova teoria econômica regida pelas mudanças tecnológicas: o tecnofeudalismo.

O mais curioso é que, na teoria do autor, o que destituiu o capitalismo foi o próprio capital e a evolução das tecnologias, que foram intensificadas nas últimas duas décadas. Segundo Varoufakis, “como um vírus, destruíram seu hospedeiro”.

Para o autor, os dois pilares que sustentavam o capitalismo foram substituídos: os mercados deram lugar às plataformas digitais, que são verdadeiros feudos das grandes tecnologias, e o lucro foi substituído pela pura extração de rendas.

Varoufakis sustenta que o tecnofeudalismo é o novo poder que está revolucionando a nossa vida e o mundo, sendo a maior ameaça para o indivíduo liberal, aos esforços para evitar a catástrofe climática e à democracia. Explica como ela escraviza nossa mente, reescreve as regras do poder global e, por fim, o que precisamos para derrubá-la.



### Políticas Econômicas

Em Crescimento e Inflação: A Economia Brasileira em Perspectiva, Paul Singer apresenta uma análise da economia brasileira, examinando a relação entre desenvolvimento econômico e inflação ao longo da história do País. O autor investiga as causas da inflação crônica que marcou a economia brasileira em grande parte do século XX e discute os desafios do crescimento sustentável em um cenário de desigualdade social.

Singer argumenta que a inflação no Brasil não pode ser compreendida apenas como uma moeda monetária, mas sim como resultado de fatores estruturais, incluindo a concentração de renda, a formação de preços no setor industrial e a dinâmica do mercado de trabalho.

O autor critica a abordagem ortodoxa, que prioriza o combate à inflação em detrimento do crescimento econômico e da inclusão social. Para ele, um modelo de desenvolvimento equilibrado deve considerar não apenas a estabilidade de preços, mas também a distribuição de renda e a melhoria das condições de vida da população.

Com uma linguagem acessível sem perder o rigor analítico, o livro se torna uma leitura essencial para quem deseja compreender a complexidade da economia brasileira e os desafios de conciliar o crescimento econômico com a justiça social.



### Contabilidade

Na obra A Sabedoria de Charlie Munger, Peter D. Kaufman organizou diversos discursos proferidos por Munger em uma coletânea que se tornou referência para toda uma geração de investidores e empreendedores interessados na sagacidade e sabedoria do empresário.

Repleta de espirituosos insights e do talento retórico do investidor, o livro é essencial para quem busca uma visão mais ampla e sábia das finanças e, sobretudo, da vida. “Existe uma velha regra em duas partes que costuma produzir maravilhas nos negócios, na ciência e em outros campos: 1. Pegue uma ideia simples e básica; 2. Leve-a muito a sério”, essa e outras frases de Munger estão presentes na coletânea.

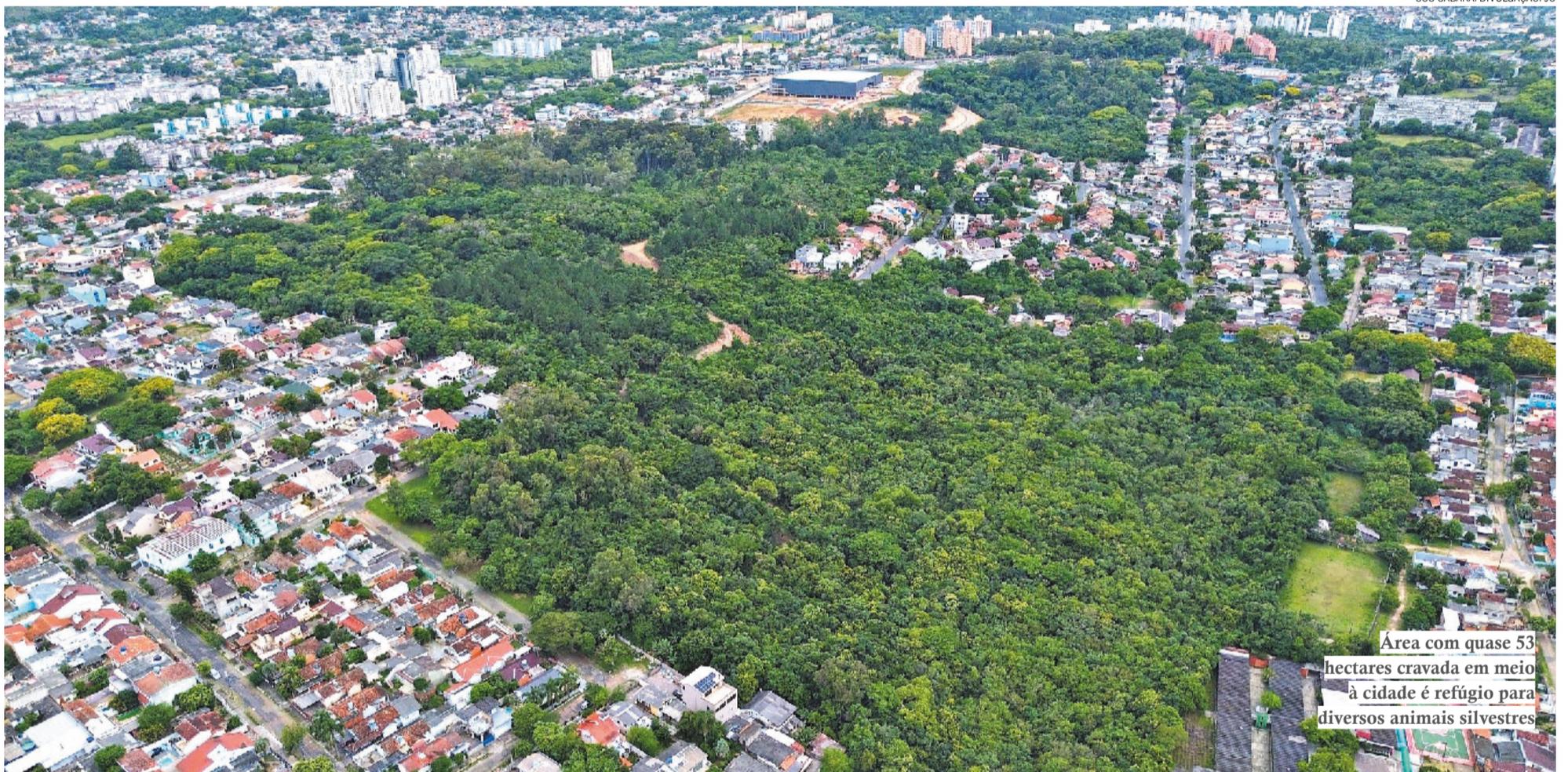
Charlie Munger foi o sócio e amigo pessoal de Warren Buffett por mais de seis décadas. Juntos, eles fizeram da Berkshire Hathaway uma das empresas mais valiosas do mundo. O autor e organizador do livro, Kaufman, facilitou os pensamentos do célebre investidor num livro importante para o mundo dos negócios.

O livro mostra como Munger estruturou seu conhecimento enciclopédico e como o utilizou para tomar decisões, expõe ideias fundamentais nas áreas de negócios, finanças, história, filosofia, psicologia, ética e muito mais.

## Responsabilidade social

# Comunidade se mobiliza pela preservação da Floresta do Sabará em Porto Alegre

» O movimento “SOS Floresta do Sabará” tem alertado a sociedade para a causa



**Gabrieli Silva**  
gabrielis@jcs.com.br

A Floresta do Sabará, situada no bairro Jardim Sabará, Zona Leste de Porto Alegre, é um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica na cidade, abrangendo 52,9 hectares de vegetação nativa. Nos últimos anos, a área vem sendo preparada para um megaprojeto imobiliário de um grupo supermercadista. As obras, iniciadas em 2024, preveem a construção de um hipermercado, um shopping center e torres comerciais. Desde então, 9,49 hectares de floresta já foram desmatados para a abertura de ruas. O projeto foi licenciado pela prefeitura de Porto Alegre

A comunidade local, preocupada com impactos ambientais e perda de biodiversidade, uniu-se para criar o movimento “SOS Floresta do Sabará” com o objetivo de lutar pela preservação da área e exigir medidas eficazes de mitigação para proteger a fauna, que

vem sendo diretamente afetada pela construção. A mobilização teve início quando moradores passaram a notar a presença crescente de animais silvestres fora de seu habitat natural, como graxains (cachorros-do-mato), que passaram a revirar lixeiras e foram vistos atropelados nas ruas do bairro.

Além deles, outros animais, como ouriços, gambás, lagartos e um bugio-ruivo – espécie ameaçada de extinção –, que acabou morrendo eletrocutado ao tentar atravessar linhas elétricas.

O grupo de moradores, que é composto por mais de 60 pessoas, levou o caso à Defensoria Pública e, em resposta às ações do movimento, o Ministério Público do Rio Grande do Sul instaurou, em 26 de novembro de 2024, inquérito civil para investigar possíveis irregularidades no licenciamento ambiental do empreendimento.

Relatórios técnicos apontaram a ausência de estudos adequados

sobre a fauna e flora locais, além de riscos irreversíveis para a vida silvestre. Atualmente, atividades de desmatamento estão paralisadas até que os esclarecimentos sejam fornecidos.

“A comunidade não é contra a expansão do bairro, mas sim contra a forma como a construção do empreendimento está sendo conduzida. Defendemos que um estudo de impacto ambiental seja realizado antes do início das obras e que todas as medidas necessárias sejam tomadas para proteger a fauna local. Os animais que habitam a floresta precisam ser resgatados e realocados em uma área adequada, para que possam sobreviver e repovoar o ambiente de maneira segura”, afirma Joaquim Ramos, morador do bairro.

O movimento “SOS Floresta do Sabará” tem utilizado as redes sociais para mobilizar a população e divulgar informações sobre a importância da preservação da área e conta com o apoio de ONGs

e entidades ambientais como o Greenpeace, Movimento em Defesa ao Mato do Júlio, Ingá - Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais e outros. Além disso, foi criado um abaixo-assinado online que já conta com mais de 20 mil assinaturas, demonstrando o apoio da sociedade à causa. Entre as reivindicações do grupo está a exigência de um Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) do empreendimento, e realização de audiência pública.

“O estudo ambiental do empreendimento afirma que a floresta é pequena e recente, mas sabemos que não é verdade. Árvores ali ultrapassam 12 metros de altura e a área está em estágio avançado de preservação. Além disso, a presença de espécies como graxains e bugios foi ignorada, apesar de já termos registrado famílias inteiras com armadilhas fotográficas. Outra falha grave é a ausência de uma nascente nos estudos ambientais, mesmo ela es-

tando ali”, declara Emerson Vieira Prates, técnico em Meio Ambiente, membro da ONG Ingá e coordenador do grupo Ser Ação Ativismo Ambiental.

Além do impacto na fauna, especialistas alertam que a remoção da vegetação compromete a umidade do solo e agrava os efeitos das mudanças climáticas, tornando Porto Alegre ainda mais vulnerável a ondas de calor e enchentes, já que a floresta atua como esponja natural, absorvendo a água das chuvas e reduzindo o risco de alagamentos em bairros vizinhos, como o Sarandí, que foi duramente atingido pelas enchentes de 2024.

A luta pela preservação da Floresta do Sabará destaca a importância das áreas verdes urbanas para a manutenção do equilíbrio ambiental e da qualidade de vida. Com o avanço do projeto imobiliário, a pressão popular se intensifica na busca por soluções que conciliem o desenvolvimento urbano e a preservação ambiental.

## REPORTAGEM ESPECIAL

# Cadeia da resina garante renda ao agricultor e matéria-prima a pro

» Rio Grande do Sul tem 286,9 mil hectares de área plantada de pinus, principalmente

**Carmen Carlet**, especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

Quando se abre um frasco de perfume, pinta-se uma parede, masca-se um chiclete, abastece-se o carro ou mesmo se relaxa ao som de um violino, é difícil imaginar que todo o processo pode ter iniciado com as mãos calejadas de algum agricultor de um município do Litoral Médio gaúcho. Mas, sim, é bem provável que a goma-resina usada como componente na fabricação desses produtos tenha sido extraída de uma floresta de pinus elliotti que existe nas terras de Valério Rodrigues, um dos pequenos agricultores que trabalham com o cultivo no município de Tavares.

De acordo com a Associação Gaúcha de Empresas Florestais (Ageflor), o Rio Grande do Sul possui uma área significativa de plantios de pinus, principalmente nas regiões da Serra, Centro-Sul e Litoral. Daniel Chies, presidente da entidade, informa que segundo levantamento realizado em 2023, são 286.922 hectares de área plantada, que dá origem a uma série de produtos madeireiros e não madei-

reiros, como é o caso da resina.

De acordo com o levantamento anual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) junto aos municípios – dados de 2023 de Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS/IBGE) –, a quantidade produzida de resina na silvicultura do RS foi de 51.270 toneladas o que confere a posição de segundo maior produtor, atrás de São Paulo, com uma produção de 84 mil toneladas. Minas Gerais vem em terceiro com 4 mil toneladas. O Brasil produz 142.171 toneladas. Mostarda, Palmares do Sul e Santa Vitória do Palmar são os municípios gaúchos com maior produção.

Embora não haja um valor exato disponível sobre a contribuição específica do pinus ao Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho, a silvicultura e as atividades relacionadas representam uma parcela significativa da economia estadual, estima o dirigente. “O setor florestal, como um todo, gera aproximadamente 65 mil empregos diretos no Estado, evidenciando sua relevância econômica e social”, destaca Chies.

Conforme dados de levantamento do IBGE e informações da Secretaria da Fazenda (Sefaz), o valor ligado à resina no Rio Grande do Sul é acima de R\$ 250 milhões, considerando o que circula no Estado e o que é exportado como goma bruta.

Aliás, boa parte desta produção é destinada ao mercado internacional, pois a proximidade com o Porto do Rio Grande facilita a exportação da goma-resina gaúcha. De acordo com levantamento do departamento de estatística do Porto de Rio Grande, foram exportadas 564 toneladas brutas de resina em 2024. Empresas que possuem operações no Estado vendem grande parte de sua produção para outros países, aproveitando a logística favorável proporcionada pela pequena distância com o modal marítimo.

Conforme dados do Comércio Exterior (Comex), de um total de 22,6 mil toneladas de resina exportadas – o equivalente a US\$



Produção de resina no Estado pela silvicultura soma 51.270 toneladas, o segundo maior produtor do Brasil; São Paulo

21.309.051 FOB –, 19,9 mil toneladas são de breu e 3,4 mil toneladas correspondem à terebintina.

A versatilidade da goma-resina é imensa. Depois de processada pela indústria, resulta em breu e a terebintina. O primeiro é empregado na indústria de adesivos, tintas, vernizes, goma de mascar, ceras depilatórias, sabão, entre outros. Já a terebintina é usada na fabricação de solventes, desinfetantes, perfumes, cânfora e produtos fármacos.

O engenheiro florestal e professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Frederico Westphalen Rafaelo Balbinot explica que o Brasil é o segundo maior produtor mundial de resina de *Pinus sp.*, e no País esse produto se encontra na ponta da tabela como produto flo-

restal brasileiro mais importante para o setor da silvicultura (IBGE, 2019). “A produção de resina tem apresentado vasto crescimento nos últimos anos, com as tecnologias de aplicações de métodos diferenciados de extração e coleta, bem como, com o uso de pastas estimulantes”, avalia o professor. Balbinot alerta que a resina tem contribuído nos últimos 30 anos para o impulso do crescimento econômico das regiões rurais, com a utilização das florestas de pinus para essa atividade nos diferentes estados do Brasil.

Um estudo desenvolvido por Elisabet Pulido e publicado no Repositório Digital da UFSM, em 2020, demonstra que 62% dos resinheiros autônomos dos municípios de São José do Norte e Tavares são peque-

nos produtores, enquanto os 38% restantes são considerados médios produtores. De acordo com a pesquisa, a extração de resina do pinus é hoje considerada pelos resinheiros dos dois municípios como uma de suas principais fontes econômicas. Esta atividade consegue se integrar com as atividades tradicionais que são desenvolvidas desde anos atrás, permitindo que não sejam dependentes só de uma fonte de renda.

Os resinheiros dos dois municípios manejam algo ao redor de 2,8 milhões de árvores, das quais obtêm uma produção entre 2,7 a 3,1 kg por árvore, totalizando, na época, 8.077 toneladas de resina. Isto corresponde a aproximadamente 17% da produção oficial do Estado gerando 377 empregos diretos.



Daniel Chies é presidente da Ageflor

# ao duto no Litoral

AGEFLOR/DIVULGAÇÃO/JC



líder com 84 mil toneladas

“Além disso, identificou-se que todo este contexto acontece sob florestas que surgiram (95%) a partir da regeneração natural da espécie, ou seja, não foram plantadas e a grande maioria (91%) não tem licenciamento ambiental”, concluiu o estudo. Atualmente a extração de resina de pinus elliotti tornou-se uma das bases para o desenvolvimento econômico, social e produtivo na região, mas que, por falta de planejamento, pode sofrer uma redução abrupta na produção, pois não há renovação destas florestas. As aplicações dos produtos gerados a partir da resina de pinus têm apresentado um crescimento linear no mercado brasileiro e mundial, onde cada vez mais se observa sua presença nos mais variados setores.

## Empresas mesclam florestas próprias e parcerias com agricultores locais

RESINAS JARDIM/DIVULGAÇÃO/JC

Resinas Jardim, nascida em 2008, no município de Capivari do Sul, uma das representantes do setor no RS, produz e comercializa resina, breu e terebintina. Ao longo de sua trajetória, a empresa consolidou sua presença no mercado ao focar no fornecimento de matéria-prima florestal sustentável. Essa abordagem não apenas reforça a vocação florestal da região, mas também contribui para o desenvolvimento rural local. De acordo com o empresário Israel Jardim, a Resina Jardim (RJ) atua em florestas plantadas e de regeneração natural, provenientes de sementes das florestas plantadas.

“Temos 900 hectares de pinus elliotti entre áreas próprias e arrendadas, manejadas por nossa empresa”, conta o dirigente ao acrescentar que as árvores começam a ser resinadas a partir dos 12 anos ou quando atingem o que o setor chama de diâmetro à altura do peito (dap) de 18 cm. “Resina-se cada árvore por até 15 anos, utilizando em média três faces antes da colheita e renovação do ciclo”, explica. Para a Resinas Jardim, os municípios de São José do Norte, Tavares, Mostardas, Capivari do Sul, Tramandaí e Canguçu são os mais relevantes para as operações e logística, destacados pela proximidade e importância estratégica na cadeia produtiva.

A empresa produz 1 mil toneladas/ano de goma-resina em suas florestas e processa 8.600 toneladas na unidade fabril de Capivari do Sul. A diferença vem da parceria com produtores locais. De acordo com Jardim, o mercado da empresa é distribuído em 20% para o consumo interno e 80% destinado a países como Portugal, Espanha, Turquia, Índia, Japão, EUA, Grécia, China, França, Holanda e Alemanha.

No que tange à produção própria a Resinas Jardim vem desenvolvendo tecnologia que visa facilitar a extração da goma na floresta. “Desenvolvemos o sistema RJV200, um equipamento inovador para o manuseio de tambores de resina já em operação na unidade Capivari do Sul”, conta o empreendedor ao destacar que esse sistema automatizado proporciona segurança, eficiência operacional e redução de custos, diminuindo a necessidade de seis colaboradores por turno. O investimento foi de R\$ 70 mil.

Mas, nem tudo são flores. Um dos pontos críticos para o setor, segundo Jardim, é a ausência de incentivos governamentais e de

um plano de Estado, a longo prazo, para a industrialização do País. “Essa lacuna estratégica força o setor como um todo a priorizar a exportação de commodities em vez de avançar para etapas de maior valor agregado na cadeia produtiva”, avalia o empresário salientando que sem políticas públicas consistentes, o Brasil perde oportunidades de se consolidar como um player global em produtos industrializados ou mesmo de gerar mais empregos e riqueza internamente.

Com quase três décadas de mercado, a Âmbar Florestal, localizada em São José do Norte, fortaleceu-se como uma das principais empresas resinadoras de pinus elliotti do Rio Grande do Sul. De acordo com Paulo César Azevedo, diretor, os aspectos climáticos e da região favorecem a proliferação das florestas de pinus que começaram a ser plantadas a partir de 1960. Ele explica que a extração da goma faz parte de um importante aproveitamento econômico durante a fase de crescimento e amadurecimento das árvores das florestas que têm como objetivo final a madeira.

“No entanto, de um tempo para cá, em algumas regiões, principalmente nos empreendimentos menores as famílias têm focado na resina”. Segundo ele, essa extração já é uma alternativa econômica interessante para os pequenos produtores, pois acaba acontecendo por um longo período. O ciclo do pinus – até estar pronto para ser cortado e usado como madeira – leva de 20 a 25 anos e a produção de resina inicia por volta dos 10 ou 12 anos.

Com relação à Âmbar, Azevedo informa que a empresa produz 13 mil toneladas de resinas ao ano destinando 100% para o mercado externo. O empresário conta que por questões de proximidade com o Porto de Rio Grande a logística de exportação é facilitada. As vendas são destinadas, principalmente para a Europa com ênfase para Portugal, que já teve uma tradição de produção de resina muito forte no passado. “Hoje eles não produzem quase nada, embora tenham indústrias de processamento que distribuem para o resto da Europa”.

No que tange às parcerias com pequenos e médios produtores da região, Azevedo esclarece que a empresa tem estreitado cada vez mais essa relação, através de fomento, incentivos e fornecimento de tecnologia. E essa associação é tão frutífera que a empresa compra algo em torno de 10 mil toneladas dos agricultores familiares,



Cada árvore é resinada por até 15 anos, diz Israel Jardim, da Resina Jardim

ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC

que mobilizam, aproximadamente, mil pessoas durante o processo. Atualmente São José do Norte produz entre 30% e 40% da resina comercializada com a marca Âmbar. Mesmo assim, o empresário esclarece que existe um acerto de não obrigatoriedade de venda para a empresa. A Âmbar faz parte do Grupo Flopal, um dos pioneiros da produção florestal no Litoral e, hoje, responde por um terço da produção de resinas gaúchas.

Valério Rodrigues é um dos agricultores que encontraram na extração da goma-resina uma fonte de renda para a complementação familiar. Em 2011, ele adquiriu uma área no município de Tavares onde já havia uma floresta de pinus. Associado a isto, a espécie já vinha se proliferando na propriedade de seus pais. “Resolvemos deixar a floresta na área onde a terra não era propícia para criar gado”, explica Rodrigues ao destacar que, na época, o pinus não tinha o mesmo valor de hoje com a resinagem, pois as árvores eram exploradas para a madeira. Trabalhando uma área de 43 hectares próprios mais 130 que pertencem aos pais, o agricultor destina cerca de 20% para as florestas de pinus e o restante para a pecuária com 120 cabeças do rebanho de Angus. “Precisamos salientar que neste total, tem uma parte de preservação ambiental”, afirma Rodrigues ao observar que sua propriedade é próxima à Lagoa do Peixe.

Com mão de obra familiar, os Rodrigues extraem e vendem a produção para as empresas instaladas na região. “Recebemos auxílio tecnológico das empresas, mas a Emater é quem nos dá suporte, até porque somos uma pequena propriedade”, diz o agricultor. A importância da goma resina é destacada para os pequenos agricultores ao comparar-se sua parti-



Rodrigues vê rentabilidade crescer

cipação dentro da renda familiar. Rodrigues explica que está quase ultrapassando a pecuária.

Juares Costa originalmente produtor de cebola – uma das culturas mais tradicionais no Litoral Médio – em São José do Norte, tem uma propriedade 120 hectares, dos quais 25% são de mata nativa de pinus. Vizinho de uma das empresas baseadas na região, a espécie foi se desenvolvendo em suas terras e, hoje, ocupa posição significativa na renda familiar até porque parte é arrendada para outros agricultores. “Nosso solo é maravilhoso para o pinus”, comenta Costa ao destacar que a proliferação leva a sempre ter florestas para a extração. “Começamos em 2004 e no início não explorávamos as árvores, mas quando começou a ter valor econômico, detectamos uma fonte de renda”, conta ao informar que hoje possui uma floresta com 50 mil árvores que fornecem 2,5 quilos de resina/árvore/ano, o que garante a sobrevivência da família, respondendo por 40% da renda, juntamente com a criação de gado que contribui com outros 40%.

Continua na página 8

## REPORTAGEM ESPECIAL

## Expansão em área de preservação gera debates

A questão ambiental de áreas plantadas de pinus elliotti merece atenção especial. De acordo com Riti Soares, chefe do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, esta é uma espécie exótica, que nasce em qualquer solo, inclusive nos arenosos. Além disso, por serem leves, as sementes apresentam fácil dispersão, o que a configura como altamente invasora – espécies exóticas invasoras são aquelas plantas e animais que estão fora da sua área de distribuição natural e ameaçam habitats, serviços ecossistêmicos e a diversidade biológica causando impactos nos ambientes naturais.

Com uma área de 36.722 hectares, o Parque Nacional da Lagoa do Peixe – que abrange os municípios de Tavares, Mostardas e São José do Norte – foi criado em uma re-

gião onde os incentivos para implementação de cultivos de pinus foram intensos no passado. “Isso fez com que esta espécie exótica invasora se tornasse um problema para a conservação da biodiversidade na região”, explica Ricardo Jerozolinski, analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Segundo ele, esta é uma espécie de difícil controle devido às grandes distâncias percorridas pelas sementes deslocadas pelo vento, além da alta capacidade dos indivíduos se desenvolverem em locais diversos, como campos de dunas, pastagens nativas e áreas florestais.

“Neste sentido o Parque Nacional da Lagoa do Peixe possui um Plano de Erradicação do Pinus, onde são previstas diversas ações

para esta finalidade, como corte e queima prescrita nas áreas prioritárias para a o controle”, destaca Soares revelando que a queima prescrita é realizada após o corte raso das áreas invadidas pelo pinus, evitando que sementes que estejam no solo possam germinar.

Além disso, segundo o chefe, existe uma ação civil pública – ajuizada pela Justiça Federal – que acompanha a implementação do Plano e cobra que as propriedades rurais localizadas no entorno do Parque Nacional implementem o controle dos indivíduos de pinus em uma área de 300 metros ao redor da Unidade de Conservação.

Conforme os ambientalistas, esta ação serve para criar um cinturão sem pinus ao redor do Parque, evitando, assim, a dispersão de sementes para o interior do mesmo.

A erradicação da espécie também é realizada por meio da contratação de empresas especializadas, utilizando recursos provenientes de compensação ambiental. De

acordo com a administração do Parque, até o momento, aproximadamente, 700 hectares de pinus já foram erradicados dentro dos limites da Unidade de Conservação, contribuindo para a restauração dos ecossistemas naturais e a mitigação dos impactos da espécie.

Moradores locais questionam a área de pinus (estimada em 200 hectares) dentro do parque, entre a trilha do Panamá e a barra da Lagoa do Peixe. Alguns perguntam porque tanto barulho em cima da questão ambiental se o próprio lugar mantém área de pinus. Soares explica que está sendo discutida a retirada, “mas é local sensível que precisa de análise técnica, já que temos a Lagoa do Peixe bem próxima e as dunas estão nas bordas da floresta”, explica o ambientalista.

Analisando a conciliação do benefício social ao pequeno agricultor com o prejuízo ao meio ambiente, Soares destaca ser um desafio que necessita de estratégias para evitar que os cultivos de pinus, seja

para produção de resina ou para produção de madeira, sirvam como locais de dispersão de sementes para outras áreas. “Para isso, os povoamentos de pinus necessitam ser conduzidos com monitoramento das áreas vizinhas para evitar que plantas se desenvolvam em locais que não são adequados, como em Áreas de Preservação Permanente (nascentes, margens de cursos d’água, locais íngremes, entre outras) ou em Unidades de Conservação, que são lugares especialmente protegidos com o objetivo principal de conservar a natureza.

“A atividade é a única de produção agrícola que conta com um zoneamento específico para a cultura”, diz o presidente da Ageflor, Daniel Chies. Além disso, os empreendimentos licenciados para atividades silviculturais conservam ainda uma significativa área de preservação permanente e reserva legal. Muitas empresas seguem práticas certificadas de manejo florestal sustentável.

CHRYSYIAN SILVEIRA/DIVULGAÇÃO/JC



Incentivo à exploração no passado hoje gera impasse ambiental

## Empregabilidade da goma-resina

São inúmeros os setores da produção industrial que empregam os dois derivados da goma-resina, o breu e a terebintina.

**Breu:** Aplicações industriais devido às propriedades adesivas, impermeabilizantes e químicas; também é conhecido como breu colofônia ou colofônia

<b>Adesivos e Selantes</b>	Fitas adesivas, adesivos em geral, selantes industriais, colas para indústria calçadista
<b>Indústria de Tintas e Vernizes</b>	Tintas alquídicas, vernizes para madeira, revestimentos industriais
<b>Borracha e Pneus</b>	Componentes para melhorar a aderência e flexibilidade da borracha, pneus e outros produtos de borracha industrial
<b>Indústria de Papel</b>	Agentes de colagem em papéis e papelões (melhorando resistência à umidade)
<b>Cosméticos e Higiene Pessoal</b>	Batons e brilhos labiais (como agente de consistência e fixação), máscaras de cílios, ceras depilatórias, sabonetes (principalmente os transparentes)
<b>Medicamentos e Produtos Farmacêuticos</b>	Componentes de emplastros medicinais
<b>Indústria Musical</b>	Resina para arcos de instrumentos de corda (violino, viola, violoncelo)
<b>Combustíveis e Energia</b>	Componentes para biodiesel, aditivos para combustíveis
<b>Produtos de Defesa e Segurança</b>	Fabricação de pólvoras e explosivos, selos e lacres para uso militar e comercial
<b>Indústria Alimentícia (grau alimentício específico)</b>	Gomas de mascar, revestimentos de frutas e queijos

**Terebintina:** Líquido volátil e inflamável utilizado como matéria-prima em várias indústrias devido às propriedades solventes e químicas

<b>Solventes e Diluentes</b>	Solventes para tintas e vernizes, removedores de manchas
<b>Indústria Química</b>	Produção de compostos aromáticos, derivados químicos usados em fragrâncias, adesivos e outros produtos
<b>Indústria de Fragrâncias</b>	Perfumes, óleos essenciais
<b>Cosméticos</b>	Crems e pomadas tópicas, produtos capilares como shampoos e condicionadores especiais
<b>Medicamentos</b>	Pomadas e linimentos, produtos de aromaterapia
<b>Indústria de Borracha e Plásticos</b>	Utilizada como plastificante e solvente para melhorar a qualidade.

## REPORTAGEM ESPECIAL

## Resina move a economia do município de Tavares

Carmen Carlet, especial para o JC

Localizado a aproximadamente 230 quilômetros de Porto Alegre e com uma população estimada de 5.212 pessoas, o município de Tavares, conhecido por suas belezas naturais, tem a produção da goma-resina como a principal atividade econômica, respondendo pela arrecadação de, aproximadamente, R\$ 44 milhões em ICMS no ano passado, seguida da lavoura de arroz, com R\$ 39 milhões.

A importância da resinagem para a economia local é destacada por eventos como o "Resina em Foco", que reúne produtores, empresários e autoridades para discutir o desenvolvimento sustentável da atividade. Neste ano, o calendário municipal prevê o evento em outubro.

O prefeito Gilmar Ferreira Lemos é só aplausos à contribuição do setor. "A goma resina é muito importante para a economia do

município de Tavares, pois aquece o comércio local e é uma das principais fontes de renda do município com 38,11% da arrecadação", enfatiza Lemos.

No entanto, a expansão do cultivo de pinus exige atenção ambiental, pois a espécie pode se dispersar facilmente, afetando ecossistemas locais. Portanto, práticas de manejo responsável são essenciais para equilibrar os benefícios econômicos com a preservação ambiental.

Segundo a engenheira agrônoma Sarah Fiorelli, extensionista da Emater-RS, a relação de Tavares com as florestas de pinus elliotti começou na década de 1970 quando se iniciou o plantio das árvores para conter o avanço das dunas. "A partir daí, se espalhou e, hoje, 90% da área é de regeneração natural, quando a dispersão das sementes se dá pela própria árvore", explica. Essa formatação, no entanto, implica em desajuste no tripé da

sustentabilidade – social, ambiental e financeiro. De acordo com Sarah, econômica e socialmente está tudo tranquilo, pois a atividade gera renda para as famílias, empresas e município, mas, ecologicamente está falhando. "Embora a dispersão seja uma coisa boa, também é controversa, pois acaba invadindo áreas de preservação", alerta a engenheira.

A importância da resina na economia local deu um salto em 2020, na época da pandemia, embora sua proeminência tenha iniciado em 2017, quando ocupava a segunda posição no ranking, perdendo para a cultura do arroz.

Essa mudança aconteceu por conta do aumento do preço do quilo do produto que passou por algo em torno de dois, três reais para oito reais, por conta da alta do dólar. Hoje, de acordo com a prefeitura de Tavares, o quilo está sendo comercializado por valores na ordem de R\$ 4,40 a R\$ 4,60.



ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC

Sarah Fiorelli chama a atenção para questão ambiental e ecossistemas

\* Carmen Carlet é jornalista formada pela Famecos, Pucrs. Atuou como colunista, repórter e correspondente de veículos especializados em propaganda e marketing. Atualmente, trabalha com assessoria de comunicação, produção de conteúdo e conexões criativas.

Jornal do Comércio

**ANUNCIE NO JC**  
O ALCANCE QUALIFICADO  
QUE A SUA MARCA PRECISA



ENTRE EM  
CONTATO

WHATSAPP: (51) 3213-1342  
EMAIL: COMERCIAL@JORNALDOCOMERCIO.COM.BR



# Incorporadora caxiense dobrará o volume de produção com parceria

**CONSTRUÇÃO CIVIL** » *Eccel construirá três prédios em Porto Belo, em Santa Catarina*

**Roberto Hunoff**, de Caxias do Sul  
economia@jornaldocomercio.com.br

Há 30 anos no mercado, a serem completados em novembro, a Eccel Incorporadora, vai dobrar os atuais níveis de produção ao longo dos próximos anos. Sediada em Caxias do Sul, a empresa é uma das parceiras da Vokkan, desenvolvedora imobiliária que atua no litoral de Santa Catarina, e responsável pelo Vivapark Porto Belo, primeiro bairro parque do Brasil.

De acordo com o sócio Alex Foppa, atualmente a empresa edifica, simultaneamente, em diversos projetos, em torno de 80 mil a 100 mil metros quadrados. Com a parceria, este volume dobrará com as obras de dois empreendimentos já lançados e um terceiro em fase final de desenvolvimento. Até o momento, a Eccel usa a estrutura da Vokkan para sua operação. Foppa antecipa projeto de um prédio próprio e a criação de uma casa conceito visando ao desenvolvimento de mão de obra.

O empresário assinala que a

ideia de expansão está em linha com a manifestação dos clientes que demonstravam interesse em investir fora de Caxias. Para este ano, a empresa fará dois lançamentos em Caxias do Sul, um em Gramado e dois em Santa Catarina. Também confirmou a conclusão e entrega de dois produtos: em Caxias do Sul e Porto Alegre. “Não abandonaremos o mercado cativo, vamos expandir para novas geografias e oferecer alternativas aos clientes”, afirma.

O primeiro projeto lançado no Vivapark foi o Videiras, em setembro do ano passado, que tem em torno de 35% comercializados e valor geral de vendas (VGV) estimado em R\$ 215 milhões. A previsão de entrega é para 2028. Com 30 pavimentos, sendo 24 destinados a residências, o prédio terá apartamentos variando de 118 m<sup>2</sup> a 304 m<sup>2</sup> de área privativa.

O novo produto é o Veleiros Residence, com VGV estimado em R\$ 290 milhões, e apresentado ao mercado imobiliário na semana passada. Com três torres que so-



Alex Foppa (à direita) com os sócios Guilherme Foppa e Lucio Mauro Turcatti estão à frente do investimento

mam 386 unidades residenciais e espaços comerciais, o empreendimento apresenta 36 tipologias de plantas, com apartamentos que

vão de 44,3 m<sup>2</sup> a 130,3 m<sup>2</sup>, unidades garden com áreas privativas de até 246,2 m<sup>2</sup> e salas comerciais que variam entre 29,2 m<sup>2</sup> e

154,4 m<sup>2</sup>. As obras devem ter início em até dois meses e a entrega está programada para ocorrer em 2029 e 2030.

## Gaúchos são quase 30% dos clientes no Vivapark

O Vivapark Porto Belo vem atraindo cada vez mais gaúchos em busca de oportunidades no Litoral Norte catarinense, a região de maior valorização imobiliária do Brasil. Eles já representam 29,41% dos clientes do bairro parque, que reúne compradores de 17 estados brasileiros e 14 países. Os primeiros edifícios residenciais já ultrapassaram a marca de 90% das unidades vendidas. Os índices de valorização chegam a 119,74%, reforçando o potencial do bairro como investimento.

O empreendimento é inspirado em tendências mundiais de planejamento urbano que privilegiam as relações humanas, em espaços de moradia, trabalho, educação, lazer e cultura, apoiados por uma infraestrutura de alta tecnologia e segurança. O Vivapark Porto Belo foi idealizado por Jaime Lerner e conta

com uma área verde de mais de 230 mil m<sup>2</sup>. O empreendimento possui padrão internacional de sustentabilidade e foi o primeiro do mundo a atingir o nível platinum na categoria Plan& Design da certificação LEED for Communities, principal sistema global de avaliação de qualidade de vida e alinhado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

O projeto para ocupação total é dividido em cinco fases, das quais a primeira está concluída e duas em andamento. Atualmente, o empreendimento conta com quatro edifícios com obras avançadas, incluindo o Vértice, ícone do bairro por ter formato piramidal, e mais de 80 casas em construção. O primeiro prédio deve ser entregue ao longo deste ano.

A empresa é responsável pela implantação de toda a infraestrut-

tura do empreendimento. Na primeira fase do Vivapark, o valor aplicado é estimado R\$ 130 milhões, incluindo a construção de Unidade Básica de Saúde. Rafael Kirchner, um dos sócios e diretor de negócios, destaca que a parceria com as incorporadoras ocorre por meio do modelo de permuta, com desenvolvimento do projeto de forma conjunta a partir de um conceito previamente definido, que busca oferecer uma variada gama de serviços para a população residente e visitante.

“Ter diversidade de pessoas, arquitetônica e de produto, além da preocupação com a preservação do meio ambiente, é o objetivo deste projeto”, afirma.

O Vivapark Porto Belo foi inaugurado há pouco mais de um ano e já é um importante destino de lazer da região, recebendo mais de 60 mil visitantes por mês.

## Porto Belo lidera ranking de vendas de imóveis em 2024

A cidade de Porto Belo se consolidou como o grande destaque do mercado imobiliário do litoral catarinense em 2024 nos principais indicadores do setor.

Os dados são de relatório da consultoria Brain Inteligência para a Vokkan. Porto Belo ocupa a liderança com 9.107 unidades novas vendidas, representando 25,6% do total do mercado na região. Itapema aparece na segunda posição, com 7.182 imóveis e 20,2% de participação. Balneário Camboriú registrou 1.145 unidades, ficando em 10º lugar.

O desempenho expressivo também se reflete no ranking de VGV vendido. Porto Belo lidera com R\$ 10,2 bilhões, seguida

por Itapema, com R\$ 9,5 bilhões. Florianópolis aparece na terceira posição, com R\$ 5,09 bilhões, seguida por Itajaí com 4,2 bilhões e Balneário Camboriú com R\$ 3,93 bilhões.

O prefeito Joel Orlando Lucinda destaca que a cidade iniciou forte mudança em 2017, tendo como base alterações no Plano Diretor, o que resultou na atração de investimentos como o Vivapark. “É uma proposta diferente de bairros tradicionais”, afirma. Também cita que o poder público tem investido em saneamento básico, abastecimento de água, segurança, educação com duas novas escolas, pavimentação e na malha viária que está totalmente desenhada para os próximos 20 a 30 anos.

# Iguatemi Porto Alegre perde grife francesa, mas ganha marca de designer venezuelana

**MINUTO VAREJO** » *CR Carolina Herrera deve abrir em setembro no espaço de grifes*

**Patrícia Comunello**

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

Saiu a francesa Louis Vuitton e já tem outra grife de luxo confirmada para entrar no mix no Iguatemi Porto Alegre. A CR Carolina Herrera, design de moda da empresária de origem venezuelana, desembarcará no complexo, considerado o mais classe A e B do Rio Grande do Sul e também com mais marcas de perfil de alto padrão. A CR tem previsão de estrear em setembro em outro ponto do complexo, pertinho de mais grifes de luxo, como Gucci e Dolce & Gabbana, revela Cris Maggi, gerente de marketing do empreendimento.

Vai ser a primeira operação da marca, focada em vestuário, calçados e acessórios femininos e também com coleções masculinas, no sul do Brasil. A CR tem já unidades em shoppings do grupo Iguatemi em São Paulo. A loja vai ocupar 185 metros quadrados da junção de espaço de três antigas ocupantes: Live, que se mudou para o antigo ponto da Paquetá, no mesmo piso, e Megadose Moda Gestante

e a Chris Evert, que deixaram o lix do complexo. No ponto onde estará, ao lado da Bergerson, a Carolina Herrera fica bem na zona de luxo do Iguatemi. Gucci e Dolce & Gabbana ficam quase ao lado. A coluna tem informação de que a área deixada pela Louis Vuitton, bem no acesso principal ao shopping, pode ter em breve ocupantes e do segmento de luxo. O Iguatemi diz apenas que busca sucessor para o espaço.

O Iguatemi também tem outras novidades. A Livraria Travessa, do Rio de Janeiro e que virou a mais desejada pelo País no setor, abrirá até julho. A Zara terá aumento de área. Também vai abrir o Emporio Lagotto, antiga Ri Happy, e a Kulkes montou nova área exclusiva da Rolex. Outra operação é o Gardens (nome provisório), dedicado à gastronomia e eventos no terceiro piso, que abre em julho.

“Vamos ter um novo Iguatemi em julho”, resume a gerente. A direção não comenta diretamente sobre as novas marcas e expansão da Zara, mas dá pistas que o complexo ganha mais opções até



IGUATEMI PORTO ALEGRE/ESPECIAL/JC

Loja vai ocupar 185 metros quadrados da junção de espaço de três antigas operações: Live, Paquetá e Megadose

a virada do semestre. Sobre o espaço deixado pela Louis Vuitton, perto do acesso principal do shopping, Cris diz que há negociações com potenciais futuros ocupantes. A gerente diz que a nova marca de moda ainda está definindo o perfil de produtos, mas é “certo que vai ter roupas, calçados e acessórios femininos”. Coleções masculinas

podem também entrar no cardápio, adianta Cris. A área onde será a operação estava já fechada há bastante tempo como “uma reserva”. “A gente queria trazer uma marca de luxo e conseguimos. Esse segmento ainda tem bastante a crescer em Porto Alegre”, aposta. “Vimos o que foi o fenômeno da Gucci, que continua indo super bem. O Iguatemi já divulgou várias vezes que

tem intenção em fazer a ampliação no mercado de luxo. A movimentação com a CH Carolina Herrera é só mais um passo disso.” O shopping ambiciona alterar, ao atrair e incluir nomes internacionais focados em consumidores de alta renda, o fluxo de compras no exterior ou em São Paulo desse segmento.

## Empatia e liderança são diferenciais, diz ILoveMyJob

Onde as mulheres podem ter mais espaço e oportunidade para impactar os negócios? A fundadora do hub de marca empreendedora do Brasil, ILoveMyJob, a gaúcha Angélica Madalosso, aposta que características como empatia e liderança são vantagens frente aos

homens. Mas Angélica cita que, segundo o Sebrae, as mulheres representam ainda pouco mais de 35% dos empreendedores gaúchos. Além disso, apenas 20% dos negócios liderados por mulheres acessam recursos financeiros. Mais de 654,3 mil mulheres estão à frente

de negócios, segundo o Relatório de Empreendedorismo Feminino do Sebrae, de 2023. O hub vai promover em 21 de março o Encontro da Mulher Empreendedora RS, com inscrição gratuita. O evento vai das 18h30min às 21h, na sede do hub, na avenida Carlos Gomes, 1.859, sala 408. “A iniciativa busca conectar empresárias que enfrentam dificuldades para crescer no mercado e querem trocar experiências sobre estratégias para expansão, captação de clientes e liderança feminina”, comenta Angélica. O ILoveMyJob já atendeu marcas como Natura, iFood e Raizen. Mas há muito que avançar. O Sebrae mostrou, em 2023, que apenas 20% dos investimentos feitos em empresas são para negócios liderados por mulheres. “É uma oportunidade grande para que as mulheres estejam cada vez mais em setores que alavancam a economia.”

## Lebes faz podcast com mulheres da operação pelo 2º ano consecutivo

A Lojas Lebes aposta em dar voz às mulheres da operação. Para marcar o Dia Internacional da Mulher, o presidente da rede, Otélmo Drebes, fez pelo segundo ano o podcast Mulheres de Valor, com seis participantes que atuam

no front, em lojas e em áreas da rede. Em uma hora de conversa, Naide Cristina, Greice Spier, Erica Nunes, Fernanda Feyh, Daiana Flores e Cristiane Bauer puderam contar histórias e falar de conquistas e desafios do varejo.



LUCIANA SÁLVARO/DIVULGAÇÃO/JC

‘Incentivo para empreendedoras ainda é pequeno’, diz Angélica



LOJAS LEBES/DIVULGAÇÃO/JC

Podcast Mulheres de Valor reuniu seis participantes que atuam na rede



BANRICOMPRAS E VERO  
**A DUPLA  
 IMBATÍVEL**  
 PRO SEU NEGÓCIO VENDER MAIS.

**Pra quem compra,  
 é sem juros.  
 Pra quem vende,  
 é a menor taxa do mercado.  
 E tem muito mais:**

- :: Antecipação de 100% das vendas.
- :: Planos com máquina grátis.
- :: Conta Empresarial sem tarifas.
- :: Nota Fiscal Integrada.
- :: Link de pagamento em até 18x.
- :: App de Gestão grátis.

**banrisul.com.br**

**Taxa  
 a partir de  
 0,99%\***  
 para vender no  
 pré-datado  
 em até 60 dias ou  
 parcelado em até 12x.

\*INDEPENDENTEMENTE DO NÚMERO DE PARCELAS.  
 CONSULTE AS CONDIÇÕES NA SUA AGÊNCIA BANRISUL.